



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após entrega de contratos para aquicultura, assinatura do termo de cooperação entre Petrobras, Mato Grosso do Sul e Paraná e de contratos do PAC**

**Foz do Iguaçu-PR, 20 de março de 2008**

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Essa distinção não existe no governo. Nós achamos que a turbulência da Bolsa é própria da Bolsa. Nós não temos que ver isso como uma coisa tão anormal, porque a Bolsa em um dia cresce, pode crescer em uma semana, pode crescer em um mês e chega um dia em que ela pode cair. No Brasil, ela cresceu vários meses consecutivos, e um dia ela cai. O que é importante é que nós saibamos que tem uma crise nos Estados Unidos, essa crise está atingindo o sistema financeiro, sobretudo, o europeu. Nós estamos olhando com muita cautela porque não queremos que uma crise americana, que não fomos nós que causamos, venha causar problemas ao Brasil. Nós estamos muito tranqüilos, ao mesmo tempo cautelosos, estamos olhando todos os dias com lupa, para ver se vai acontecer alguma coisa e vamos trabalhar para que não aconteça nada no Brasil. Logicamente que os Estados Unidos, como são uma economia muito importante, se tem uma recessão nos Estados Unidos, obviamente que vai trazer problemas para todos os países. Entretanto, é importante lembrar que o Brasil diversificou muito as suas exportações e hoje nós não dependemos apenas de um país e nem de dois países. Nós hoje temos uma relação comercial muito diversificada, que vai da Argentina à China, que vai da Índia à Colômbia, que vai da Venezuela ao Vietnã, que vai do Equador até os países africanos. Portanto, o Brasil está com muita solidez. Obviamente, nós temos que ter sempre cuidado porque já tivemos outras



experiências e não queremos que isso se repita no Brasil.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Eu acredito que o protocolo assinado hoje, entre o governador Puccinelli, o governador Requião e a Petrobras, é um alento extraordinário para o estado do Mato Grosso do Sul e para o estado do Paraná. O potencial que nós conseguimos, a partir de Paranaguá, mandar álcool para o mundo inteiro. Obviamente que o mundo ainda resiste um pouco porque o álcool é um produto novo. Mas o petróleo está ficando cada vez mais caro, eles têm que cumprir o Protocolo de Quioto e, certamente, mais dia, menos dia, a União Européia tem que cumprir, até 2020, 10% de etanol na gasolina. Quando chegar o momento, eles vão ter que saber de quem eles vão precisar, e não tem outro país que tenha maior potencial de vender como o Brasil. Por isso é que nós temos que ir nos preparando para que nos próximos 10 ou 15 anos o Brasil seja um país de ponta, não apenas na produção, mas também na exportação desse produto.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** O que eu disse é o seguinte: como nós temos 504 bilhões de reais em vários Ministérios e as coisas acontecem – muitas vezes, na Caixa Econômica; muitas vezes, no Ministério; muitas vezes, na parceria entre o estado e a prefeitura – nós precisamos ter um único sistema de controle de tudo, para que não tenha a Caixa uma informação, o BNDES outra informação, o Ministério outra e a Casa Civil outra. Nós estamos detectando isso, exatamente na viagem, porque é muita obra, os convênios são feitos entre Funasa, entre Ministério da Saúde, entre Ministério das Cidades e entre Ministério dos Transportes. Se nós não tivermos um único sistema recebendo *on line* todas as informações, nós poderemos ter... Eu vou dar um exemplo: eu



fui ao Mato Grosso do Sul e o Puccinelli, junto com a Funasa, tinha feito um contrato de 52 milhões de reais. Como a Funasa é ligada ao Ministério da Saúde, não estava na relação das obras que estávamos fazendo lá. Então, foi essa descoberta que eu fiz em Campo Grande anteontem, que me chamou a atenção de que todas as obras do PAC têm que estar no mesmo *software*, todo mundo com a mesma informação, para que não haja nenhuma distorção.

**Jornalista:** Qual é o melhor nome para a sucessão do senhor?

**Presidente:** Eu não estou pensando nisso. Somente a partir das eleições, em 2009, é que eu vou começar a pensar em construir, dentro da **(falha na gravação)** governo, a nossa candidatura.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Não acredito. De vez em quando alguém fala assim para mim: “mas o governo está utilizando o PAC eleitoralmente”. Isso é de uma cretinice verbal, que não tem lógica. Se fosse assim, por que haveria eu de fazer convênios, com o governador de São Paulo, de 8 bilhões de reais? Por que haveria eu de fazer convênios com o Rio Grande do Sul, com Paraíba, com Minas Gerais, que são adversários? Por que haveria eu de fazer convênio de 1 bilhão e 100 milhões com a prefeitura de São Paulo ou com a prefeitura do Rio de Janeiro, que são todas dos meus adversários? Então, não é possível.

Daqui a 15 dias estarei visitando vários outros estados, estarei visitando São Paulo, estarei visitando o Rio Grande do Sul, porque a mim não importa de que partido é o prefeito ou de que partido é o governador. O que importa é que o estado tem necessidade, a cidade tem necessidade, nós temos o programa, temos dinheiro, temos financiamento e nós vamos fazer a obra. Quando eu chego em uma cidade em que o prefeito não é do PT, obviamente que algumas



peças do PT podem ficar de biquinho também: “por que o presidente vem aqui subir no palanque de outro candidato?” Eu não estou subindo em palanque com outro candidato, eu estou subindo com a pessoa que administra a cidade. Portanto eu estou subindo com quem, de direito, representa naquele instante, institucionalmente, o município. É isso, companheiros.

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** Se eu não estou querendo dar palpite na eleição presidencial, por que eu iria dar palpite na eleição de Foz do Iguaçu?

(\$31EGJLP)